



O Ministério do Turismo e a Catavento Produção Cultural apresentam:

MUSEU DO MILHO: HISTÓRIA, MEMÓRIA E PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO CULTURAL DO OESTE CATARINENSE

Cartilha Didática

Xanxerê, 2021



Proponente:

CATAVENTO PRODUÇÃO CULTURAL LTDA



Apoio:



Patrocínio:



Realização:

SECRETARIA ESPECIAL DA
CULTURA

MINISTÉRIO DO
TURISMO





O Ministério do Turismo apresenta:

**MUSEU DO MILHO: HISTÓRIA, MEMÓRIA E PRESERVAÇÃO DO
PATRIMÔNIO CULTURAL DO OESTE CATARINENSE**

EQUIPE TÉCNICA

Coordenação e Pesquisa: Catavento Produção Cultural

Produção de texto: Daiane Frigo

Projeto gráfico: Vagner Bozzetto

Imagens: Elisandra Forneck, Museu do Milho, Idemar Ghizzo e Departamento de Cultura

Ilustrações: Marcos Bettú

Audiodescrição/Áudio livro: Ateliê da Cidade

Coordenação editorial: Museu do Milho, Departamento de Cultura e

Coletivo de Amigos do Museu do Milho “Antonio Sirena”.

Distribuição gratuita

Venda proibida

FICHA CATALOGRÁFICA

F912c Frigo, Daiane

Cartilha didática: Museu do Milho: história, memória e preservação do patrimônio cultural do oeste catarinense. / Produção textual: Daiane Frigo, ilustração: Marcos Bettu. – Xanxerê: Museu do Milho, Departamento de Cultura e Coletivo de Amigos do Museu do Milho “Antonio Sirena”, 2021.

27 p.: il. color.

Inclui bibliografia.

Audiodescrição / Áudio livro: Ateliê da Cidade

1. Patrimônio cultural – Proteção. 2. Milho - história. I. Bettu, Marcos. II. Título.

2021-0137

CDD 363.69 – 22.ed.

SUMÁRIO

1. Apresentação.....	06
2. Oeste Catarinense: panorama da história regional.....	07
3. Município de Xanxerê: histórico de formação.....	11
4. História da Festa Estadual do Milho (EXPO FEMI).....	14
5. História do Museu do Milho “Antônio Sirena”.....	21
6. Coletivo de Amigos do Museu do Milho.....	28
7. Conhecendo o Museu do Milho.....	32
Referências.....	40



1. Apresentação



Caro leitor!

Com essa cartilha você é convidado a conhecer um pouco mais sobre a história do município e do Museu do Milho “Antônio Sirena”, localizado em Xanxerê/SC.

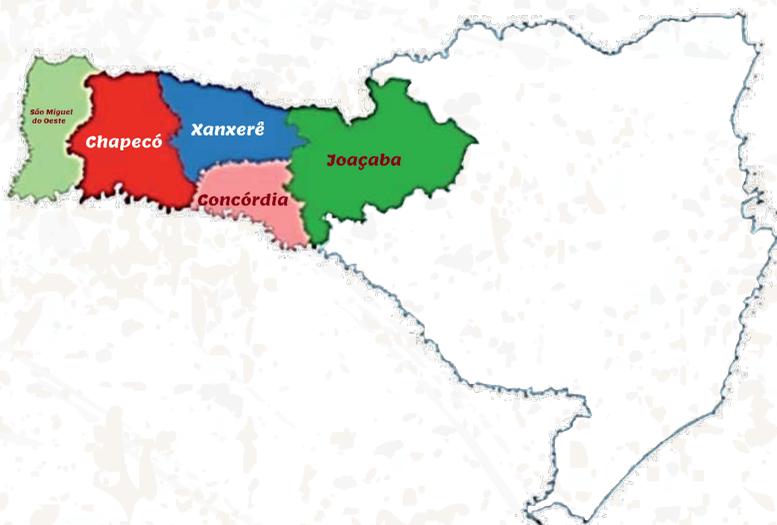
Este material foi elaborado com o objetivo de ser um instrumento de apoio didático e faz parte do projeto “MUSEU DO MILHO: HISTÓRIA, MEMÓRIA E PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO CULTURAL DO OESTE CATARINENSE”, que tem a finalidade de realizar pesquisa nos acervos do Museu do Milho “Antônio Sirena”, a fim de preservar, registrar e divulgar aspectos socioculturais e históricos da formação da região Oeste catarinense, do município de Xanxerê e do Museu do Milho. A iniciativa prevê também a realização de oficinas de formação de multiplicadores, que terão nesta cartilha o conteúdo de base para o debate, formação e socialização de conhecimentos.

A partir deste material, busca-se potencializar as matrizes expressivas da história regional, da cultura e das memórias locais, facilitar as relações culturais e educacionais que proporcionam maior compreensão e aproximação entre os grupos sociais que formaram a região Oeste catarinense.

2. Oeste Catarinense: panorama da história regional

O processo de configuração do território que hoje compreendemos como Oeste catarinense, surgiu a partir do povoamento por diferentes grupos humanos que transitaram pelo estado de Santa Catarina e pelo Sul do Brasil como um todo ao longo do tempo. Povos pré-coloniais, grupos caçadores-coletores, diferentes etnias indígenas, caboclos, imigrantes vindos especialmente da Europa, e descendentes de europeus, vindos em sua maioria do estado do Rio Grande do Sul, que chegaram a região com o processo colonizatório. Cada grupo com suas características, sua forma particular de se relacionar com o território e a natureza, tem deixado significativas contribuições para o desenvolvimento do espaço que hoje conhecemos como **Oeste catarinense** (BOX 1).

Mapa indicando as seis mesorregiões do oeste catarinense.



FONTE: researchgate.net.

(BOX 1)

O **Oeste catarinense** é uma das seis mesorregiões do estado de Santa Catarina, de acordo com a divisão microrregional do Brasil, definida pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2017). Ela é formada pela união de 118 municípios agrupados em cinco microrregiões, que são Chapecó, Concórdia, Joaçaba, São Miguel do Oeste e Xanxerê.

“O Oeste catarinense faz parte do povoamento indígena da América do Sul e dentro desse amplo horizonte deve ser focado e compreendido [...] Os achados mais antigos para populações que viviam ao longo do rio Uruguai datam de aproximadamente 11 mil a 12 mil anos atrás, ou nove mil a dez mil anos antes de Cristo e procedem do médio rio Uruguai, no Rio Grande do Sul [...] As populações que deixaram esses materiais tinham a subsistência baseada na caça, na pesca e na apropriação de produtos vegetais. Viviam em pequenos grupos, que ainda não conheciam o cultivo de plantas domesticadas, a panela de barro e a aldeia como convivência permanente das famílias, mas acampavam por tempos mais ou menos prolongados onde estavam os recursos, estacionais ou permanentes, que os sustentavam em cada momento” (SCHMITZ, 2011, p. 75).



ATIVIDADE: Você já ouviu falar sobre o povoamento indígena na região Oeste catarinense? Conhece os principais grupos ou etnias presentes na região? Que tal pesquisar quais são os grupos que ainda residem por aqui!? Sugiro a você pesquisar em livros, com professores, colegas e na internet. Como dica, acesse o site www.terrasindigenas.org.br, a maior base de dados sobre Terras Indígenas no Brasil.

A partir dos vestígios do **povoamento indígena (BOX 2)** é que começamos a ter indicativos materiais da presença de grupos humanos na região. Mesclando sua presença a de outros grupos que foram adentrando o território, como os caboclos, desde meados do século XVIII, e imigrantes e migrantes descendentes de europeus, que chegaram à região com o processo colonizatório ao longo do século XX, temos a construção de uma espécie de **identidade cultural (BOX 3)** ou identidades culturais (uma vez que não é única), que vemos refletida na forma de viver, na culinária, no sotaque, nas edificações, nas festas e no cotidiano de homens e mulheres que vivem no Oeste catarinense.

(BOX 2)

Evidências de **vestígios do povoamento indígena** podem ser comprovadas a partir de fragmentos cerâmicos e utensílios encontrados em sítios arqueológicos. De acordo com o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), no Brasil existem mais de 20 mil sítios arqueológicos registrados.

(BOX 3)

Identidade cultural

Termo de caráter plural, resultado do processo de múltiplas interações e oposições entre os indivíduos e seu modo de vida, no tempo no espaço.

Stuart Hall (2015, p. 9), define a identidade cultural como “aqueles aspectos de nossas identidades que surgem de nosso ‘pertencimento’ a culturas étnicas, raciais, linguísticas, religiosas e, acima de tudo, nacionais”. Ela surgiria a partir da identificação que o sujeito desenvolve com a nação, ou o grupo que o rodeia, enquanto uma “comunidade simbólica” (HALL, 2015, p. 30).

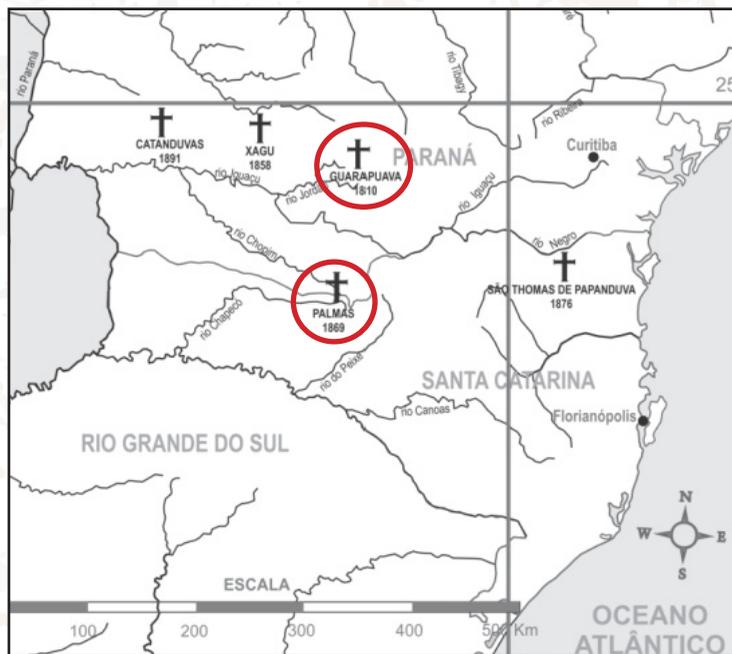
Até o início do século XX, as terras situadas no espaço do que hoje compreendemos como Oeste catarinense, eram consideradas “sertão” (AMADO, 1995), território vazio e não produtivo, uma vez que não havia um povoamento oficial. O processo de povoamento, dito oficial, tem início somente após o fim da Guerra do Contestado¹, e é dinamizado pelas companhias colonizadoras, incentivadas pelo Governo Estadual.

A construção de características marcantes da identidade cultural, no e do Oeste catarinense, se desenvolve a partir da interação dos diferentes grupos a povoarem o espaço, que a partir dos contatos interculturais e com a exploração da região, criam novas dinâmicas, não só em relação a ocupação geográfica e exploração da natureza, mas também no tocante às relações sociais, envolvendo modo de vida, lazer, trabalho, uso da terra e o cotidiano cultural.

Muito antes de ser Oeste Catarinense!

Até o ano de 1853, Santa Catarina era constituída apenas pelo litoral e parte dos campos da serra acima, incluindo Lages. A região que hoje chamamos de Oeste catarinense era território pertencente a província de São Paulo, dentro do antigo Paraná colonial, e era ocupada por grupos indígenas, especialmente os Kaingang (BRIGHENTI, 2012).

Aldeamentos indígenas na província do Paraná colonial, com destaque para Guarapuava e Palmas, regiões de “Campos”.



FONTE: MOTA (2000) apud BRIGHENTI, 2012.



1 A Guerra do Contestado foi um conflito armado travado entre 1912 e 1916, no planalto catarinense. Não guarda uma relação direta com o processo de disputa de limites entre Santa Catarina e Paraná. Contudo, o longo período de indefinição de divisas marca profundamente o perfil social e político das comunidades da região, que unido a outros fatores, como a expropriação de moradores de suas terras, por empresas que exploravam a região, deflagram a crise que levou à luta armada (MACHADO, 2004; VALENTINI, 2000).

Estudos apontam que “em 1839, os fazendeiros de Guarapuava tinham conquistado os *Krei-bang-rê* (Campos de Palmas) e ali tinham instalados trinta e sete fazendas com mais de trinta mil cabeças de gado e fundaram a vila de Palmas” (MOTA; NOVAK, 2008, p. 63-64). Nesse mesmo período, um grupo de fazendeiros, oriundos de Guarapuava, resolveu explorar os territórios, em busca de terras para instalação de fazendas e constituição de novos povoados. Nesta expedição estava o jovem José Raimundo Fortes, mineiro que residia em Guarapuava e que se mudou para os Campos de Palmas “com um pequeno grupo de civilizados para fixar-se na região” (FORTES, 1990, p. 36).

Nesse período, José Raimundo Fortes teria legitimado uma grande área de terras. Instalou sua fazenda na cabeceira do riacho Passo dos Fortes, próximo ao atual Terminal Rodoviário Intermunicipal de Chapecó. Denominou a fazenda de Campina do Gregório e casou-se com Ana Maria de Jesus, índia Kaingang, filha do cacique Gregório. O nome “Campina do Gregório” seria uma referência ao cacique Gregório, sogro de José Raimundo Fortes (BRIGHENTI, 2012).

Para além do povoamento!

A primeira atividade mercantil de que se tem registro na região, estava relacionada ao criatório de animais e transporte das tropas de gado entre o Rio Grande do Sul, São Paulo e Minas Gerais. A atividade conhecida como tropeirismo foi importante no processo de ocupação da área e exigiu a formação de pequenos povoados, nos pontos de descanso de Guarapuava a Palmas, cruzando os rios Chapecó e Chapecozinho, passando pela Campina do Xanxerê (onde mais tarde seria instalada a Colônia Militar), pela Serra do Tigre, Passo Ferreira, Passo Carneiro, depois chamado Passo Bormann, atingindo o Goio Ên, Nonoai e depois Cruz Alta, no Rio Grande do Sul (RENK, 2006).

Ao longo desse trajeto, nasceram lugarejos e pontos de descanso:

“A disponibilidade de terras de campo nos Campos de Palmas², onde se inseriu o atual Oeste de Santa Catarina, favoreceu o estabelecimento das fazendas de criar [...] As posses foram estimuladas como consequência da Carta Régia de 1808 e legalizadas com a Lei de Terras (1850). Havia interesse da monarquia e, posteriormente, do Império no povoamento dessa região para a contenção do avanço dos argentinos em território brasileiro. [...] Ao mesmo tempo, essa ocupação servia como “missão civilizadora” destinada a catequizar e/ou expulsar os indígenas” (RENK; WINCKLER, 2018, p. 11).

2 Campos de Palmas, abrangia todo o Oeste Catarinense e os municípios paranaenses e Palmas e Clevelândia (RENK e WINCKLER, 2018).

Em 1850, com a Lei de Terras são regularizadas diversas áreas no Brasil, incluindo a região de fronteira no Oeste catarinense, onde são constituídas as primeiras ocupações formalizadas, desde o ponto de vista da presença estatal, incluindo-se aí a Colônia Militar de Chapecó, onde hoje estão localizados os municípios de Xanxerê e adjacentes (RENK; WINKCLER, 2018).

É nesse contexto que se inicia um processo de povoamento, dito oficial, do território que hoje conhecemos como Xanxerê. Sendo parte da fazenda Campina do Gregório, mais tarde Colônia Militar, e que ao longo do século XX seria desmembrada como distrito e posteriormente município.

3. Município de Xanxerê: histórico de formação

Muito tempo antes da constituição oficial do município de Xanxerê, esse território já era a casa de muitas pessoas. Além dos povos indígenas (Kaingang, Xokleng e Guarani), que transitavam pelo local há vários séculos, havia a presença de caboclos (luso-brasileiros), estabelecidos já há muitos anos (POLI, 2006). A intensificação do processo de povoamento, ocorre em meados do século XIX, com o incentivo do Governo Imperial e segue ao longo do século XX, com as companhias colonizadoras.



(BOX 4)

Na língua Kaingang, Xanxerê significaria “campina das cobras” ou “campina da cascavel”, devido à existência de muitas espécies de serpentes na área, com predominância da cascavel. O território do município é de 377.764 km², com uma população de 49.738 habitantes (IBGE, 2017). A base da economia reside no setor primário, principalmente no plantio de soja, feijão, milho e trigo, além da criação de gado leiteiro e de corte. O município conta, ainda, com indústrias do setor metalmeccânico, madeireiro e outros segmentos de prestação de serviços, relacionados ao comércio, educação, alimentação, itens manufaturados e artesanais em geral (SITE MUNICÍPIO, 2021).

PARA SABER MAIS: No “Dicionário de topônimos brasileiros de origem Tupi”, XENXERÊ, viria do caingangue **xen**: peroba, **xe**: preto(a), **rê**: como campo; campo (TIBIRIÇA apud CHITOLINA, 2019). Que tal pesquisar mais sobre o assunto?!

As regiões de fronteira no Brasil, foram palco de diversas disputas e conflitos com outros países pela demarcação dos limites territoriais. A partir disso, o Estado brasileiro, com influência do Exército, em meados do século XIX, incentivou o povoamento de porções do território brasileiro consideradas estratégicas, por meio de **Colônias Militares**.

(BOX 5)

Conforme destaca a historiadora Letícia Venson, na obra “Colonização militar no oeste catarinense: José Bernardino Bormann e a Colônia Militar do Chapecó (1880-1898)”, o Ministério da Guerra acreditava que as Colônias eram uma forma de garantir a integridade do território além de fomentar a nacionalização do espaço.

Considerando a zona de fronteira, dentro da qual se situa o Oeste catarinense, é instalada a Colônia Militar do Xaçepó (também chamada colônia de Xanxerê), como “uma das medidas do Governo Imperial de proteger e ocupar o território do atual Sudoeste Paranaense e Oeste catarinense, que estava sendo disputada com a Argentina³” (VENSON, 2020, p. 18).

Pelo decreto nº 2.502 de 16 de novembro de 1859, foi criada a Colônia Militar do Xaçepó, instada somente no ano de 1882, nas proximidades do rio Chapecó. José Bernardino Bormann foi encarregado de fundar e instalar o núcleo populacional. “Quatro meses após o início das explorações, em 14 de março de 1882 foi definitivamente escolhida para a sede ou núcleo da Colônia a campina do Xanxerê [...] abrangia os atuais municípios de Xanxerê, Xaxim e Faxinal dos Guedes” (VENSON, 2020, p. 56).



ATIVIDADE: Estando os grupos indígenas, entre os primeiros habitantes da região, é muito comum encontrar cidades com nomes na língua desses povos. Você reparou na grafia do nome do município de Chapecó com X? A grafia com “X” foi alterada para “CH” em 1947. “Xaçepó” faz referência a língua indígena Kaingang, assim como os nomes “Xanxerê”, “Xaxim”, “Campo Erê”, “Xavantina”, “Cunha Porã”, “Itapiranga”. A ciência que estuda o nome dos lugares é chamada toponímia. Que tal pesquisar outras cidades da região na toponímia indígena, bem como seu significado?!

3 A Argentina, no que ficou conhecida como Questão de Palmas ou das Missões (1890-1895), reivindicava a região Oeste dos atuais estados do Paraná e de Santa Catarina, pretendendo estabelecer as fronteiras pelos rios Chapecó e Chopim, supostamente com base no Tratado de Madri (1750). Previamente ao litígio, por ordem do imperador Dom Pedro II, o Brasil fundou duas colônias militares na região, sendo uma delas a Colônia Militar do Xaçepó.

A Colônia Militar foi extinta em 1890, tornando-se distrito do município de Palmas (atualmente pertencente ao Paraná, mas na época pertencente a Santa Catarina), e o território passou a denominar-se Distrito de Generozópolis.

Com a resolução da questão dos limites entre Santa Catarina e Paraná em 1916, o Governo Catarinense decide estabelecer novas delimitações e municípios, reconfigurando as regiões em termos político-administrativos. Pela Lei Estadual n. 1.147, de 25 de agosto de 1917, Santa Catarina é dividida em novos municípios, entre os quais, Chapecó, formado por vários distritos, sendo um deles, Xanxerê.

Em 5 de novembro de 1919, pela Lei nº 1.260, o governador Hercílio Luz, determinou que a sede do município de Chapecó fosse transferida para Xanxerê. Em 5 de dezembro de 1923 a sede municipal foi transferida novamente e passou para Passo Bormann (antiga Campina do Gregório, de propriedade de José Raimundo Fortes). Em virtude de tal mudança Xanxerê passou a chamar-se Rui Barbosa, pertencente à Comarca de Chapecó, até fins de dezembro de 1929. Com a revolução de 1930, o Prefeito de Chapecó, Nicácio Portela Diniz, determinou a restauração da sede do município em Passo Bormann e a sede de comarca permanecendo em Xanxerê.

Em 30 de dezembro de 1953, pela Lei n. 133, foi criado o município de Xanxerê, desmembrado de Chapecó. Sua instalação oficial deu-se em 27 de fevereiro de 1954, assumindo o cargo de Prefeito provisório, o professor Teodósio Maurício Wanderley, Inspetor Geral de Ensino do Estado, por designação do então governador Irineu Bornhausen (SITE MUNICÍPIO, 2013).

Vista panorâmica do centro da cidade.



FONTE: Wikipédia.

4. História do Milho e da EXPO FEMI

O perfil econômico da região Oeste catarinense, se construiu com base no trabalho familiar e cooperativo, tendo na agricultura sua principal atividade. Inicialmente voltada para atender a subsistência dos moradores e com o excedente as demandas do mercado regional e anos mais tarde, voltando-se para o suprimento de demandas globais, com a importação.

De acordo com Benetti (2019, p. 92) a partir do final da década de 1960 e início da década de 1970, se intensifica o expansionismo agrícola no município de Xanxerê, com “significativas alterações na constituição das culturas temporárias, principalmente com introdução, em grande escala do cultivo da soja, do milho, do feijão e do trigo”. É nesse momento que a produção de grãos, **em especial o milho**, passa a se tornar um produto tão significativo da economia local.

“A economia do município hoje, ela tem muito a ver com esse grão. Aqueles que aqui vieram acreditaram nessa cultura do milho, e Xanxerê hoje é a capital do milho, em função da produtividade” (Avelino Menegolla, 2020).

MILHO

CLASSIFICAÇÃO CIENTÍFICA

Reino: Plantae

Divisão: Magnoliophyta

Classe: Liliopsida

Ordem: Poales

Família: Poaceae

Subfamília: Panicoideae

Tribo: Maydeae

Gênero: Zea

Espécie: *Z. mays*

Nome binomial: *Zea mays*

FONTE: Visão Agrícola, 2015.

(BOX 6)

O milho é uma cultura endêmica das Américas, a região de origem é a área meridional do México, tendo se expandido para todo continente. Estudo coordenado por Mary Poll (2006) e publicado na Revista **Proceedings of the National Academy of Sciences of the United States of America**, aponta que povos ancestrais já cultivavam o milho há 7300 anos. A pesquisa, está baseada em análises de microfósseis retirados do solo da costa do Golfo do México. O plantio era feito na forma ancestral praticada em toda a América do Sul, com o sistema de roças. O milho era importante alimento e recebia diferentes nomes entre as tribos, mas sempre com o significado de “vida”. A associação mais comum indica que seu nome significaria “sustento da vida”. (VISÃO AGRÍCOLA, 2015). Com as grandes navegações do século XVI e o início do processo de colonização da América, a cultura do milho se expandiu para diversas partes do mundo.



ATIVIDADE: Conhecido como “sustento da vida” pelos indígenas, o milho é um importante alimento para seres humanos e animais até hoje. Ao longo do tempo, foram sendo utilizadas várias formas de cultivo. Que tal pesquisar, os processos de cultivo do milho, desde técnicas utilizadas pelos nossos ancestrais, até os processos mais modernos da atualidade?!

Homem asteca planta o milho, ilustração extraída da “Historia General de las Cosas de Nueva España”, enciclopédia compilada pelo frei Bernardino de Sahagún (1499–1590), missionário franciscano que chegou ao México em 1529; conhecido como Códice Florentino, depositado na Biblioteca Medicea-Laurenziana, Florença, Itália.



FONTE: Visão Agrícola, 2015.

De acordo com Brugnago Neto (1996, p. 17) em estudo realizado pelo Instituto de Planejamento e Economia Agrícola de Santa Catarina, no Estado o milho é a cultura de maior expressão, tanto em termos de área, quanto em volume de produção. “Seu cultivo concentra-se no Oeste e Meio Oeste (cerca de 75% da produção), regiões que também têm a maior representatividade nos criatórios de aves e suínos”. Estima-se que aproximadamente 90% da produção mundial é destinada à fabricação de ração animal, óleos vegetais e outros produtos industrializados (BARGHINI, 2004).

ATIVIDADE: Você sabia que existem diversas variedades de sementes de milho? Milho de silagem, milho doce, milho pipoca, milho branco, milho vermelho... Muitas delas surgiram com a **Revolução Verde** e são caracterizadas pela **alteração genética**, com a mutação/melhoramento por produtos químicos, e também **hibridização de sementes**. Outras, no entanto, conhecidas como **sementes crioulas** são variedades tradicionais que tem passado de geração em geração, através da história da humanidade. Mas, qual é a importância das sementes crioulas? As sementes crioulas são fundamentais para a manutenção da **biodiversidade** e da **soberania alimentar**. Que tal pesquisar o significado dos termos grifados no texto!?

O milho e as memórias do passado!

“Na época o cultivo do milho, era tudo manual, tudo artesanal, não tinha máquinas como tem hoje. E se produzia para o autossustento durante o ano, por exemplo, arroz, feijão, amendoim, tudo que hoje a gente adquire no mercado, naquela época se produzia tudo na roça” (Alcenir Perondi, 2021).

“A semente a gente fazia em casa mesmo. Tirava as pontas das espigas, escolhia as melhores e procurava fazer sempre com a semente de um ano pro outro, ia produzindo a própria semente. E as vezes se fazia troca com outros agricultores duma distância aí de cinco, dez quilômetros pra poder mudar um pouquinho, que era a técnica que usava uma vez. Então fazia essa troca de semente pra não ficar sempre a mesma” (Avelino Menegolla, 2021).

“O milho às vezes deixava até quase doze meses lá armazenado nos galpões. Colhia na safra e pra você ter o ano todo até a próxima safra você tinha uma reserva de milho guardada” (Alcenir Perondi, 2021).

“Eu não cheguei na época do **chacho**, aquele que tinha um bastão que você fazia o buraco pra colocar a semente, isso já tinha passado. Inclusive essa ferramenta tem aqui no museu. Depois já era com a maquininha, aquela **tic-tac**, tanto pro plantio do milho quanto do feijão. Era muito diferente, era quatro grãos cada pé, uma distância um pouco maior” (Avelino Menegolla, 2021).





“Eu não tinha tanta força no braço mas ajudava meu pai a plantar o milho, ajudava a limpar. Aí naquela época eles dobravam o pé de milho, não é que nem hoje que a máquina colhe. Quando o pé de milho ficava amarelinho aí a gente dobrava, pra ele secar, quando estava bem seco a gente quebrava as espigas, fazia um monte, carregava na carroça e levava pro paiol, que depois ele era debulhado numa trilhadeira, ou a mão. O pai fez uma tábua pra nós com um prego, a gente pegava a espiga pra rasgar a palha, descascava e depois tinha aquelas maquininha, daí a gente debulhava e enchia as latas pro pai. Depois quando ele voltava da roça ele fazia quirera para os porcos, vacas, galinhas” (Leonize Dreon De Bona, 2021).

“A gente viu os pais falando. Tinha os dias certos pra plantar, todo cereal. O que ia embaixo da terra plantava numa época, na lua minguante, o que era pra cima da terra na lua crescente. São táticas que muitos usam até hoje e você vê esse diferencial. Mesmo que tenha mudado muito a genética das sementes, muita coisa obedecendo a lua com certeza a produção é maior” (Avelino Menegolla, 2021).

“Desde o cigarro, o palheiro, era feito com a palha de milho. Então os antigos sempre tinham o rolo de fumo em casa e as escolhas das espigas melhores, com a palha mais macia [...] Palha de milho usava pro colchão também, pra gente dormir. Então se escolhia as melhores palhas e tirava todos os caroços. Cada seis meses ou a cada safra trocava as palhas do milho pra poder ficar mais confortável” (Avelino Menegolla, 2021).

“A gente escolhia a espiga de milho mais bonita que tinha. Aquele cabelo rosinha, vermelhinho, essas eram as nossas bonecas” (Leonize Dreon De Bona, 2021).

“A minha mãe fazia a esporta com palha de trigo e também fazia alguma coisa com a própria palha de milho, a dressa que chamavam, faziam a esporta, que era uma sacola” (Avelino Menegolla, 2021).

“A polenta era sagrada, era todo dia. Eu lembro da minha mãe no fogão a lenha fazendo a polenta pra nós. Porque não é igual a hoje que você pode escolher o que você quer comer, era o que dava para as nossas mães fazerem. Então o que era mais rápido pra elas, era a polenta, depois era preparada a fortaia, com radicho, com cebola. Mas a polenta era o prato principal” (Leonize Dreon De Bona, 2021).

“Com milho você aproveitava pra fazer principalmente a polenta, que a gente vem de uma família italiana. Todo mundo consumia a polenta, não precisa ser gringo pra comer polenta. Era um alimento que estava na mesa praticamente todos os dias. O milho, a canjica, se usava muito” (Avelino Menegolla, 2021).



Por que realizar uma Festa Estadual do Milho em Xanxerê?

As transformações econômicas, o expansionismo industrial e das agroindústrias, contribuíram e possibilitaram que Xanxerê se tornasse “uma espécie de celeiro de grãos” (BENETTI, 2019), levando o município a criar na década de 80 a Festa Estadual do Milho (FEMI), hoje chamada de EXPO FEMI.

Mas, como isso aconteceu?

A partir da implantação de um projeto experimental, com uma variedade de sementes de milho demonstrada pela Associação de Crédito e Assistência Rural do Estado de Santa Catarina (ACARESC), nas terras do Sr. Osvaldo Kohl, na localidade de Pesqueiro do Meio, zona rural de Xanxerê, foi realizada em 1982, a 1ª Festa da Colheita do Milho. O resultado positivo com a semente, a capacidade produtiva dos agricultores locais, e o impacto da Festa da Colheita levaram a gestão municipal, a projetar a ampliação do evento com a promoção da [EXPO] FEMI.

Foto da 1ª colheita do milho, nas terras do Sr. Osvaldo Kohl.



Matéria do Jornal Diário da Manhã sobre a solenidade da colheita do milho



A EXPO FEMI tem como objetivo reunir expositores do ramo agropecuarista, criadores de animais, empresas industriais e comerciais de máquinas, implementos e equipamentos agropecuários, profissionais liberais, artesãos, artistas, entidades sem fins lucrativos, órgãos públicos e privados, em um espaço de exposição, comercialização e apresentação de produtos e serviços que movimentam a economia e o desenvolvimento local e regional.

O espaço destinado à Feira, que ocorre a cada dois anos, é o Parque de Exposições Rovillo Bortoluzzi, situado às margens da BR 282.



*“O Prefeito na época era o saudoso Rovilho Bortoluzzi que foi quem despertou a questão do próprio milho e fez com que aqui fosse realizada a Feira do Milho. E ao longo dos anos se adquiriu a área onde tem o parque hoje. Uma grande feira que sempre teve uma participação muito grande”
(Avelino Menegolla, 2021).*

5. História do Museu do Milho “Antônio Sirena”

Espaço para salvaguardar histórias e memórias, objetos significativos de construção da história local e regional, especialmente relacionados à agricultura e ao modo de vida de gerações passadas... Essa é a principal característica do Museu do Milho “Antônio Sirena”, localizado em Xanxerê, no Parque de Exposições Rovilho Bortoluzzi.

MUSEU DO MILHO

Localização

**Parque de exposições
Rovilho Bortoluzzi
Rodovia BR 282, s/n
Três Pontes
Xanxerê/SC**



Por iniciativa do prefeito da época, Sr. Avelino Menegolla, a Diretora de Cultura, Sra. Marivania Paludo, com a colaboração de um pequeno grupo de voluntários, a comunidade começou a reunir objetos que remetessem ao período da colonização da região, retratando o cotidiano dos moradores da época, a partir de ferramentas, utensílios e objetos, de uso especialmente na atividade agrícola.

“A história do Museu começou em 2002. Eu trabalhava na Secretaria de Cultura e a gente recebeu um convite, do prefeito na época que era o seu Avelino Menegolla. Surgiu a ideia de fazer uma exposição de maquinários, na Festa Estadual do Milho. Queriam que a gente explicasse e mostrasse para o público como é que era o plantio e a colheita do milho” (Marcia Aparecida Galvagni Kintschner, 2021).

A partir do acervo coletado, foi organizado um espaço para exposição, dentro da EXPO FEMI, atraindo na época muitos visitantes, que se identificavam com os objetos apresentados, e compartilhavam lembranças de suas trajetórias de vida, dos pais, avós e bisavós, relacionadas ao uso dos objetos em exposição.

Com o impacto positivo da exposição, a equipe de governo decide criar o **Museu do Milho**, com um espaço físico próprio dentro do Parque de Exposições Rovilho Bortoluzzi, sendo um local permanente, para preservação de objetos com valor histórico-cultural para a região e demonstração durante a EXPO FEMI, e em outros momentos durante o ano.

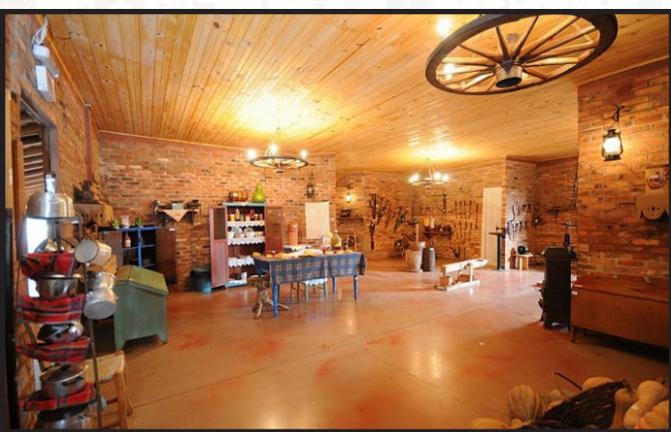
A edificação que abriga o Museu busca reproduzir um ambiente da época da colonização, por meio de uma casa de tijolo à vista, coberta com telha de cerâmica, com forro e aberturas em madeira. Na parte externa uma roda d'água para mover moinho, poço com bomba manual, moinho de pedra, cascata natural com bica d'água cercada por taipas, varanda e jardim, além de uma área coberta para os maquinários e utensílios agrícolas maiores, totalizando 218 m². A edificação foi inaugurada em 20 de março de 2004.

“Esse museu é muito importante para o município, a comunidade e o Estado. Porque aqui tem a história dos primeiros colonos, das pessoas que iniciaram essa história. Esse museu é uma relíquia e é uma coisa que nós temos que cultivar e cuidar, porque tem coisas aqui que não existem mais, e daqui 20, 30 anos as pessoas vão entrar aqui e vão lembrar das histórias que o povo contava” (Leonize Dreon De Bona, 2021).

“A construção acompanhei desde a terraplanagem. Esses tijolos isso foi buscado numa olaria já abandonada em Faxinal dos Guedes, família do seu Jordani. Fomos construindo a parte da frente, o moinho veio após e assim foi indo, devagarinho, com muito amor” (Amauri Pedro Spagnol, 2021).

“Terminou a FEMI a gente ficou com um material bem grande, já tinha o suficiente para abrir um museu. O prefeito abraçou essa ideia. Ele quis montar esse espaço que a gente tem aqui hoje. Ele ficou responsável pelo espaço e nós [voluntários] pelos objetos” (Marcia Aparecida Galvagni Kintschner, 2021).





A coleta de novos acervos para o Museu contou com a colaboração do Grupo de Turismo Erê e alguns voluntários e voluntárias que apoiaram a iniciativa e passaram a fazer parte da equipe de colaboradores do Museu.

Atualmente, o Museu possui um acervo formado por fotos, objetos, maquinários e documentos, com aproximadamente 600 itens doados pela comunidade, em um cenário acolhedor que instiga a imaginação do visitante, sobre o estilo de vida de descendentes de diferentes etnias, que colonizaram a região.

“Na época eu estava fazendo um curso de monitora de turismo, junto com outras pessoas. Aí eu fui convidada para ajudar. É uma coisa que eu amo” (Leonize Dreon De Bona, 2021).

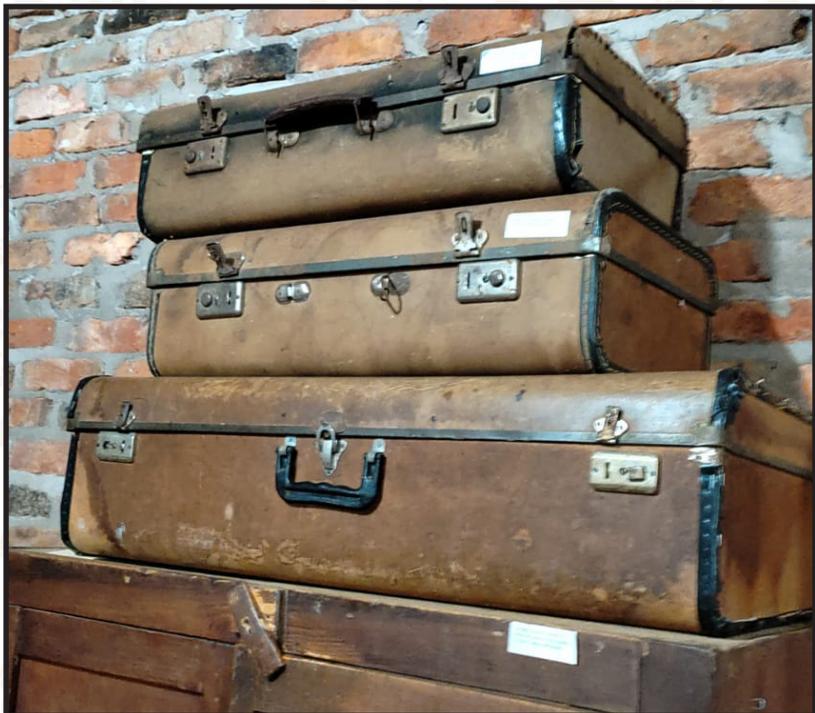
“São peças que foram doadas pelos colonizadores, pessoas que utilizavam isso. Então é de extrema importância que a gente assegure essas peças dentro do Museu do Milho” (Aguinetes Barfknecht, 2020).

“A importância desse Museu é a nossa história. Quem já doou uma peça, não doa só a peça, mas a sua história. E nós ficamos responsáveis por essa história [...] Tem pessoas que doaram a peça e depois vieram a falecer e a família hoje vem aqui porque ficou um pouquinho da história dessa pessoa aqui” (Marcia Aparecida Galvagni Kintschner, 2021).

“E esse Museu foi criado para que nós possamos mostrar, para os nossos filhos e os nossos netos, de que forma se iniciou a produção de milho aqui. Em roças plantadas à mão” (Avelino Menegolla, 2020).

Histórias e memórias dos objetos doados!

“Meu pai vendeu uma cabrita para trocar por contos de réis, para comprar essa mala. Essa mala ela tem para mim um valor sentimental muito grande, porque eu gostava de brincar muito com ela quando era pequena, guardar as minhas bonecas e meus brinquedos aqui dentro. Hoje eu não guardo mais brinquedo, somente as lembranças” (Lucivane Daleaste, 2020).



“Essa aqui é uma cela que o meu pai trouxe do Rio Grande do Sul, ainda quando ele era moço. Esse pelego é muito especial pra mim, porque nós fomos criados dormindo nele, eu e meus irmãos. Tem uma história muito bonita, isso aqui faz parte da minha família, por isso eu doe pro Museu, porque aqui eu sei que está bem guardado” (Vera Lúcia do Amaral, 2020).



“Meu pai, Olímpio Francisco Perondi, chegou em Xanxerê próximo dos anos 80 e ele resolveu ter alguma coisa a mais pro sustento da família. Adquiriu esse moinho. Pessoal da região com cavalos levavam o milho lá pra fazer farinha. Funcionou uns vinte anos mais ou menos. Após o pai já não ter muitas condições de trabalhar e os filhos todos direcionados na vida, aí entrou-se em contato com o prefeito da época e uma parte do moinho que é artesanal, foi doado para o Museu. O pai estava vivo na época e acompanhou tudo, deixou em ordem o funcionamento do moinho”
(Alcenir Perondi, 2021).



ATIVIDADE: O Museu do Milho possui um rico acervo de objetos históricos, que remetem a muitas lembranças e memórias dos tempos antigos. Você ou sua família preservam algum objeto histórico? A quem pertenceu? Como era utilizado? Quais são as lembranças sobre este item? Que tal conversar com seus familiares e amigos sobre o assunto?!



A memória dos sabores, aromas e receitas culinárias tradicionais também são itens preservados. Além dos objetos e utensílios apresentados, durante a EXPO FEMI, a equipe gestora e os (as) voluntários (as) do Museu, realizam o preparo de uma variedade enorme de comidas à base de milho, como polenta, pão de milho, pamonha, canjica, milho verde, biscoitos, entre outros. Estes alimentos são apresentados e comercializados durante a Feira e em outros eventos ao longo do ano. Ocorrem também, oficinas gastronômicas em parceria com agricultoras, mestres da culinária local e instituições, como o IFSC.



ATIVIDADE: O milho é um alimento muito importante na culinária regional. Você conhece pratos típicos produzidos a partir do milho? Alguma receita especial de família? Que tal escrever neste espaço alguma receita que você conhece?!

Buscando integrar as atividades do Museu, com as diferentes manifestações culturais do município e da região, a equipe gestora incentiva e desenvolve ações culturais, com diferentes grupos.

O Museu do Milho foi denominado de Antônio Sirena, no ano de 2014, em homenagem a um dos colaboradores do Museu, que contribuiu de forma significativa no processo de constituição do acervo da instituição.



“O Museu do Milho é também um espaço aberto para diferentes manifestações artísticas e culturais aqui do nosso município, como dança, capoeira, teatro, contação de histórias. Através das apresentações a gente consegue trazer o público mais presente no Museu, fazendo com que a comunidade esteja inserida nele, não só a comunidade, mas também todos os artistas, com as suas manifestações” (Diego Gonçalves, 2020).

Dispositivos legais

Lei n. BLB 3134, de 10 de agosto de 2009.
Cria o “Museu Municipal do Milho” no município de Xanxerê, e dá outras providências.

Lei n. 3687, de 22 de outubro de 2014.
Denomina de “Antônio Sirena” o Museu do Milho, nesta cidade de Xanxerê, e dá outras providências.

6. Coletivo de Amigos do Museu do Milho

A história do Museu do Milho de Xanxerê é marcada pela colaboração de muitos voluntários, que com amor e dedicação contribuíram para reunir o rico acervo e as lindas histórias que tem sido contadas na sede da instituição.



“A ideia surgiu dessas meninas voluntárias, do prefeito seu Avelino Menegolla, e nós assumimos todos juntos. De início uma coisa pequena, depois maior e agora uma coisa grande demais [...] As peças cada um achava alguma coisa. Eu trabalhava na garagem da prefeitura e eu ia muito no interior então eu observava, e nós fomos arrecadando assim. Muitos ofereceram as peças”
(Amauri Pedro Spagnol, 2021).

“Nós fazíamos o curso de monitoras de turismo, juntamos um grupo e começamos. São 19 anos que eu sou voluntária e continuo com muito amor, com muito carinho [...] Esse aqui é um ponto turístico que preserva a história do nosso povo. Ele é muito importante. Preservar a cultura é manter viva a nossa história, a história dos nossos antepassados” (Beatriz Maria Tombini, 2021).

“Ficamos como os fundadores do Museu. Quando chegavam as Feiras ou num evento a gente chamava e o grupo sempre esteve disposto, sem remuneração, por amor mesmo ao trabalho que foi construído na época” (Marcia Aparecida Galvagni Kintschner, 2021).

Com quase vinte anos de atuação do coletivo de voluntários e voluntárias, a partir de uma iniciativa do Departamento de Cultura e com o apoio da Catavento – Gestão e Produção Cultural, em 18 de agosto de 2021 foi realizada uma reunião aberta a comunidade em geral, com o objetivo de estabelecer o Coletivo Informal de Amigos do Museu do Milho “Antônio Sirena” de Xanxerê/SC, como uma entidade não-governamental, constituída para apoiar e colaborar com as atividades da instituição, contribuindo para seu desenvolvimento e para a preservação do patrimônio museológico e histórico-cultural de Xanxerê e da região.

O grupo reúne os voluntários e voluntárias que iniciaram a trajetória do Coletivo em 2002, e novos membros que se integram agora para colaborar na continuidade das ações de salvaguarda realizadas em parceria com o Governo Municipal.



“Muito feliz por fazer parte do grupo de voluntárias do Museu. Me sinto realizada, porque sei que estamos fazendo a continuação de uma vida. As histórias que a gente vai contando, os que vão entrando pra trabalhar conosco, e formar uma equipe maior, vão aprendendo conosco essa história. Então a gente se sente igual um professor, ensinando o aluno, uma faculdade, uma experiência de vida” (Leonize Dreon De Bona, 2021).

Durante o encontro de formação do Coletivo, os participantes foram convidados a refletir e dar suas contribuições para reestruturação do espaço e definição da missão do Museu do Milho, a partir da resposta a seguinte questão:

COMO EU VEJO e O QUE EU QUERO

para o Museu do Milho Antônio Sirena de Xanxerê?

Lugar que acolhe e apresenta a cultura italiana.

Espaço que mantém viva a cultura dos antepassados para as futuras gerações.

Um memorial da cultura, fonte viva de conhecimento e histórias.

Espaço de lembrança das etnias do município e das nossas raízes.

Local de preservação de objetos raros ou que não existem mais.

Espaço cultural sobre a história do milho, integrado com outras programações culturais.

Espaço que mantém vivas as lembranças das nossas raízes.

Ponto turístico e cultural.

Local de cultura e ensino.

Lugar que preserva as histórias do passado, vivas no presente, para o futuro das novas gerações.

Museu com os maquinários e produtos do milho.

Museu que fale sobre migração, colonização, história e cultura.

Local de pertencimento.

Espaço cultural integrando história e linguagens artísticas.

Um Museu inovador, integrando cultura e educação.

7. Conhecendo o Museu do Milho

Missão: Comunicar a história do milho, dos povos ancestrais à trajetória de cultivo no município de Xanxerê, salvaguardando objetos relacionados às técnicas de trabalho, usos, costumes e práticas do cotidiano dos colonizadores, bem como a comercialização deste cereal tão significativo para o desenvolvimento da história local e regional.

Que tal conhecer um pouco mais sobre os ambientes, histórias e acervos do Museu do Milho?

NÚCLEO 1 – APRESENTAÇÃO

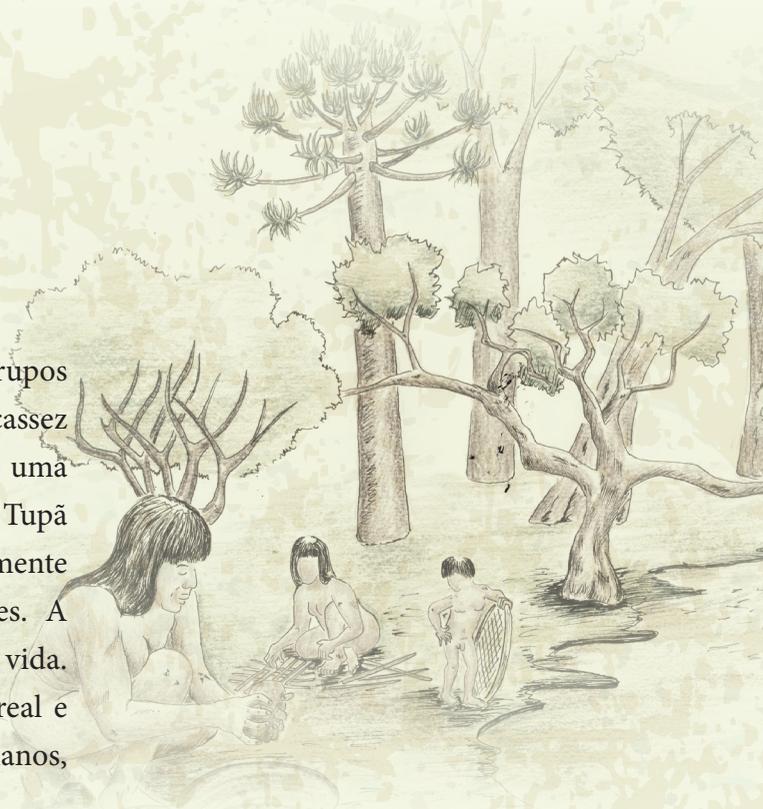
Este espaço apresenta as temáticas do Museu e introduz o visitante ao percurso expositivo.



NÚCLEO 2 – ORIGENS

PARTE 1 LENDA INDÍGENA

Narra a lenda Kaingang que há muitos anos os grupos que habitavam as Américas enfrentavam a escassez de alimento. Foi então que o ancião (Kofá) de uma aldeia prostou-se diante de Tupã e pediu ajuda. Tupã atendendo ao pedido, enviou do céu uma semente que alimentaria o povo por muitas gerações. A semente foi chamada de MILHO, sustento da vida. Os povos ancestrais passaram a cultivar o cereal e o difundiram entre muitos agrupamentos humanos, por toda América.

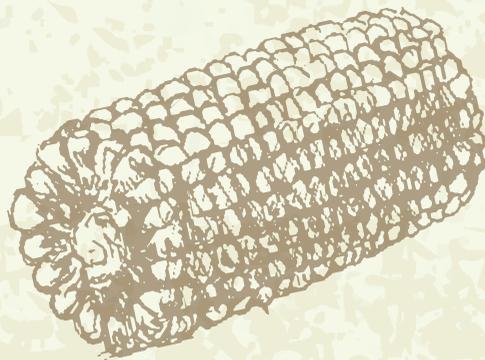


HISTÓRIA

O milho é uma cultura endêmica das Américas, a região de origem é a área meridional do México, tendo se expandido para todo continente. Estudos apontam que povos ancestrais já cultivavam o milho há 7300 anos. O plantio era feito na forma ancestral praticada em toda a América do Sul, com o sistema de roças. Com as grandes navegações do século XVI e o início do processo de colonização da América, a cultura do milho se expandiu para diversas partes do mundo.

ATUALIDADE

No Estado de Santa Catarina o milho é a cultura de maior expressão, tanto em termos de área, quanto em volume de produção. Registros apontam que a partir do final da década de 1960 e início da década de 1970, se intensifica o expansionismo agrícola no município de Xanxerê, especialmente com o crescimento industrial e das agroindústrias, ocasionando significativas alterações na constituição das culturas temporárias, principalmente com introdução, em grande escala do cultivo de cereais, como o milho.



NÚCLEO 2 – ORIGENS

PARTE 2 - EVOLUÇÃO DO CULTIVO

SEMENTES

Dentre os cereais cultivados no Brasil, o milho é o mais expressivo. Ao longo do tempo foram surgindo variedades de sementes. Milho de silagem, milho doce, milho pipoca, milho branco, milho vermelho, etc. Muitas delas surgiram a partir da hibridização de sementes, outras, no entanto, conhecidas como sementes crioulas são variedades tradicionais que tem passado de geração em geração.

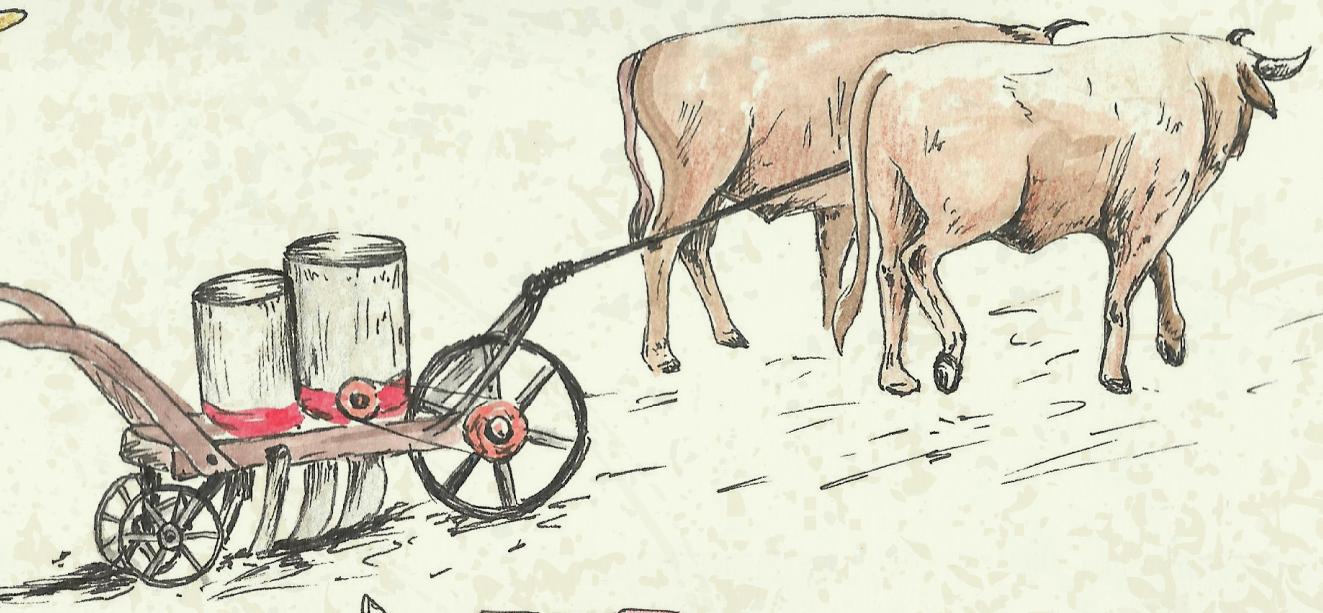
SISTEMA DE PLANTIO E COLHEITA TRADICIONAL

As práticas tradicionais de cultivo envolviam o plantio direto, no sistema de roças, com uso de arados, carros de boi e tratores no preparo da terra, além de ferramentas como chacho, enxada e plantadeira manual. A colheita do milho seco era realizada de forma manual e envolvia os integrantes da família e muitas vezes os vizinhos, no chamado “purixão”. Era comum ainda a prática da troca de sementes com produtores de outras regiões, para garantir a qualidade da produção

EVOLUÇÃO TECNOLÓGICA

Com a modernização da agricultura, ao longo dos anos foram sendo implementadas novas tecnologias e práticas, com mecanização de maquinários e uso de biotecnologia. A mecanização de processos aumentou o rendimento das áreas cultivadas e, possibilitou um aperfeiçoamento de técnicas de cultivo e do sistema de produção. Já o uso de biotecnologia, permitiu auxiliar na produção de plantas resistentes a pragas e uso assertivo de defensivos agrícolas nas plantações.





NÚCLEO 2 – ORIGENS

PARTE 3 - COMÉRCIO

PLANTIO PARA ALIMENTAÇÃO

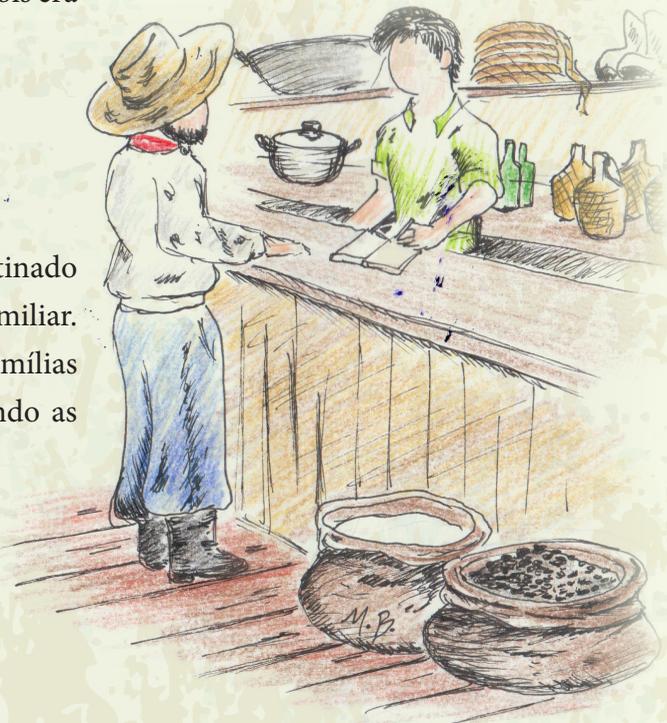
O plantio de milho durante o período colonizatório visava suprir as necessidades da propriedade, tanto para alimentação humana, quanto animal. Com o processo de expansão agrícola, estima-se que atualmente cerca de 90% da produção mundial é destinada à fabricação de ração animal, óleos vegetais e outros produtos industrializados, sendo o uso para alimentação humana, parcela muito pequena da produção.

ARMAZENAMENTO E BENEFICIAMENTO

No sistema tradicional o armazenamento era realizado no paiol, mantendo o grão na espiga. O beneficiamento do milho era realizado de forma manual, pelos membros da unidade familiar. Crianças e adultos eram envolvidos na prática, que muitas vezes ocorria nos momentos de descanso da prática na roça. O grão era removido da espiga manualmente, ou com auxílio de equipamentos como debulhadores, depois era armazenado em sacos ou caixotes.

VENDA DE EXCEDENTES

O milho cultivado no período da colonização era destinado basicamente ao sustento da pequena propriedade familiar. Com o aumento das áreas de plantio e da produção, as famílias começaram a promover a venda de excedentes, criando as primeiras dinâmicas de comercialização de produtos.



NÚCLEO 3 – COZINHA

Espaço dedicado a representação da cozinha, local que comunica os utensílios e práticas cotidianas relacionadas à alimentação das gerações passadas, envolvendo dinâmicas de convívio, lazer e sociabilidade das famílias de diferentes grupos étnicos e sociais.



NÚCLEO 4 – TRABALHO

TRABALHO AGRÍCOLA

Objetos de uso para preparo do solo, plantio e colheita.



TRABALHO MADEIRA

Objetos utilizados para corte, transporte e beneficiamento de madeira.



TRABALHO VIDEIRA

Objetos utilizados para beneficiamento da uva e produção de vinho.



TRANSPORTE ANIMAL

Objetos utilizados para montaria, transporte de mercadorias e deslocamento.



NÚCLEO 5 – QUARTO/ APOSENTO/ CÔMODO

Espaço dedicado a representação do cômodo interno de uma casa antigamente, comunicando objetos de uso no cotidiano dos moradores.



NÚCLEO 6 – ESPAÇO DE COMUNICAÇÃO/CURTA DURAÇÃO

Espaço dedicado a comunicação de curta duração, de objetos do acervo envolvendo temáticas e tipologias diversas.

Referências

- AMADO, Janaina. Região, sertão, nação. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 15, p.145-151, 1995.
- BARGHINI, Alessandro. **O milho na América do Sul pré-colombiana: uma história natural**. São Leopoldo: Unisinos, 2004.
- BENETTI, Tiago João. **De “terras do monge” a terras de “gafanhotos de aço”**: a expansão da monocultura e alterações socioambientais na região de Xanxerê (1970-1980). Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal da Fronteira Sul, Chapecó, 2019.
- BRIGHENTI, Clovis Antonio. **O movimento indígena no oeste catarinense e sua relação com a igreja católica na diocese de Chapecó/SC nas décadas de 1970 e 1980**. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2012.
- BRUGNAGO NETO, Simão. **Estudo de Economia e Mercado de Produtos Agrícolas, 4 – Milho**. Florianópolis: Instituto de Planejamento e Economia Agrícola de Santa Catarina, 1996.
- CHITOLINA, Valdirene. **Toponímia indígena na região oeste de Santa Catarina**: patrimônio etnolinguístico. *Unoesc & Ciência - ACHS Joaçaba*, v. 10, n. 2, p. 157-168, jul./dez. 2019.
- FORTES, Adílio. **A proto-história do município de Chapecó**: oeste de Santa Catarina. Chapecó: Carthago Editorial, 1990.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 12. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2015.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **42 Regiões Geográficas de Santa Catarina (2017)**. Disponível em https://geofp.ibge.gov.br/organizacao_do_territorio/divisao_regional/divisao_regional_do_brasil/divisao_regional_do_brasil_em_regioes_geograficas_2017/mapas/42_regioes_geograficas_santa_catarina.pdf. Acesso em: 14 abr. 2021.
- INSTITUTO KAINGANG. **A origem do milho**. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=4a9q-c7eYtE/>. Acesso em: 02 set. 2021.
- MACHADO, Paulo Pinheiro. **Lideranças do contestado**: a formação e a atuação das chefias caboclas (1912-1916). Campinas: Editora da UNICAMP, 2004.
- MOTA, Lúcio Tadeu. **As colônias indígenas no Paraná provincial**. Curitiba: Aos quatro ventos, 2000.
- MOTA, Lúcio Tadeu; NOVAK, Éder da Silva. **Os Kaingang do vale do rio Ivaí-PR**: História e relações interculturais. Maringá: Eduem, 2008.
- MUSEU DO MILHO – ANTÔNIO SIRENA. **Página do Facebook**. Disponível em <https://www.facebook.com/Museu-Do-Milho-Antonio-Sirena-de-Xanxer%C3%A4AASC-286871278433328/>. Acesso em: 24 mar. 2021.
- POLI, Jaci. Caboclo e pioneirismo. *Cadernos do CEOM (20 anos de Memórias e Histórias no Oeste de Santa Catarina)*. Chapecó, n.23, p. 149-187, 2006.
- RENK, Arlene. **A luta da erva**: um ofício étnico da nação brasileira no oeste catarinense. 2 ed. Chapecó: Argos, 2006.
- RENK, Arlene; WINCKLER, Silvana. A formação socioeconômica da região Oeste de Santa Catarina – uma narrativa acerca de franjas e retalhos da identidade regional. **Território, migração e diversidade**. V. 31, n. 49, Dez, 2018.

RESEARCHGATE. Mapa indicando as seis mesorregiões do oeste catarinense. Disponível em [researchgate.net](https://www.researchgate.net). Acesso em 01 out. 2021.

SCHMITZ, Pedro Ignácio. A ocupação indígena no oeste catarinense. In CARBONERA, Mirian; SCHMITZ, Pedro Ignácio (Orgs.). **Antes do oeste catarinense: arqueologia dos povos indígenas**. Chapecó: Argos, 2011.

SITE MUNICÍPIO. **Histórico do município de Xanxerê**. Publicado em 14/06/2013. Disponível em <https://www.xanxere.sc.gov.br/cms/pagina/ver/codMapaItem/4786>. Acesso em: 31 ago. 2021.

TIBIRIÇÁ, L. C. **Dicionário de topônimos brasileiros de origem Tupi: significado dos nomes geográficos de origem Tupi**. São Paulo: Traço, 1985.

VALENTINI, Delmir José. **Da cidade santa à corte celeste: memórias de sertanejos e a Guerra do Contestado**. 2. ed. Caçador: Universidade do Contestado - UnC, 2000.

VENSON, Letícia Maria. **Colonização militar no oeste catarinense: José Bernardino Bormann e a Colônia Militar do Chapecó (1880-1898)**. Passo Fundo: Acervus, 2020.

VISÃO AGRÍCOLA. **Reportagem “Com demanda ascendente no mundo milho desponta como cereal do futuro”**. Visão Agrícola. USP/ESALQ, n. 13, p. 83-97, Jul/Dez 2015.

WIKIPÉDIA. Vista panorâmica do centro da cidade. Disponível em www.wikipedia.org. Acesso em 01 out. 2021.

Depoimentos/Entrevistas

Entrevistas concedidas a Empresa Brasil de Comunicação (EBC); Fundação José de Paiva Netto (FJPN); Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM), para o Documentário do projeto “Conhecendo Museus” sobre o Museu do Milho, exibido pela TV Brasil, em 2020. Disponível em: <https://tvbrasil.ebc.com.br/conhecendo-museus/2020/06/museu-do-milho>. Acesso em: 24 mar. 2021.

Vera Lúcia do Amaral

Aguinetes Barfknecht

Lucivane Daleaste

Diego Gonçalves

Angelo Mazucatto

Avelino Menegolla

Entrevistas concedidas a Catavento – Gestão e Produção Cultural, para o projeto “Museu do Milho: história, memória e preservação do patrimônio cultural do oeste catarinense”, em 10 de maio de 2021.

Leonize Dreon de Bona

Marcia Aparecida Galvagni Kintschner

Avelino Menegolla

Alcenir Perondi

Amauri Pedro Spagnol

Beatriz Maria Tombini

AUDIODESCRIÇÃO



<https://bitly.com/OkfNnb>

